

A EXPANSÃO DA VEGETAÇÃO ARBÓREA SOBRE O CAMPO NA FLORESTA OMBRÓFILA MISTA ALTO-MONTANA, PLANALTO CATARINENSE

Luran Monteiro Muzeka¹, Vanderleia Cristina Camargo², Lúcio Fonseca Rech², Izabella Garcez de Oliveira Assis², Janaina Gabriela Larsen², Aline Gross², Edilaine Duarte², Pedro Higuchi³, Ana Carolina da Silva⁴

¹ Acadêmico do Curso de Engenharia Florestal - CAV - bolsista PIBIC/CNPq.

² Acadêmicos do Curso de Engenharia Florestal – CAV.

³ Participante, Professor do Departamento de Engenharia Florestal – CAV.

⁴ Orientadora, Departamento de Engenharia Florestal – CAV – ana.carolina@udesc.br.

Palavras-chave: Regeneração natural. Floresta Ombrófila Mista Alto-Montana. Ecologia florestal.

Conhecer como ocorre a expansão da vegetação arbórea sobre o campo é necessário para um maior entendimento das áreas de transição campo-floresta, ecossistemas relativamente comuns no Planalto Catarinense. Esses mosaicos ocorrem especialmente em regiões de maior altitude, sob domínio da Floresta Ombrófila Mista Alto-Montana que, no Sul do Brasil, está localizada acima de 1.000 m de altitude. Os campos na região podem ser de origem natural, devido às condições edáficas mais restritivas ou, ainda, podem ser resquícios de épocas mais frias e secas, quando esses dominavam a paisagem e a vegetação arbórea ficava restrita a refúgios ecológicos próximos a cursos de água. Também podem ser de origem antrópica, fazendo parte de uma paisagem cultural que, desde os tempos pré-colombianos, é manejada visando a manutenção de áreas campestres, até recentemente, durante o “Ciclo da Araucária”, quando o desmatamento foi intensificado. Dessa forma, atualmente resta um mosaico de diferentes formações vegetacionais, com distintas origens, históricos e estágios sucessionais. Considerando essas particularidades, o presente estudo buscou compreender os padrões de avanço da floresta sobre o campo. Na presente fase do projeto, foi realizado, em uma área no Parque Nacional de São Joaquim, desapropriada e protegida há aproximadamente 10 anos, um inventário do componente arbustivo-arbóreo regenerante, nos anos de 2017 e 2018. Essa área foi desmatada e manejada no passado e, atualmente, está em fase de regeneração natural. O trecho de estudo está localizado no município de Urubici, Santa Catarina, sob as coordenadas 28°00'54"S e 49°35'30"O, com altitude aproximada de 1.300 m. A área apresenta clima Cfb, de acordo com Köppen, e a temperatura média anual varia entre 11 a 15°C, com geadas frequentes e neve ocasional. Os solos são pouco profundos, variando de Neossolos Litólicos à Cambissolos. Em 2017, foi realizada a instalação de uma transecção nessa área, que se encontra adjacente a um fragmento florestal, sendo esta alocada perpendicular ao fragmento, cobrindo a área de campo em regeneração. A transecção possuía 20 m de largura por 100 m de comprimento, sendo essa subdividida em 20 parcelas de 10 m x 10 m. Todos os indivíduos regenerantes arbustivos ou arbóreos com 1 m ou mais de altura e até 5 cm de DAP (diâmetro a altura do peito) foram inventariados, sendo esses identificados, numerados com plaquetas e mensuradas suas alturas. Em 2018 os indivíduos foram remedidos, anotando-se os sobreviventes e mortos, e recrutando os indivíduos que atingiram 1 m de altura.

As espécies e os indivíduos foram classificados segundo suas síndromes de dispersão em zoocóricos, anemocóricos ou autocóricos. Em 2017, foram amostrados 989 indivíduos, pertencentes a 36 espécies. Em 2018 houve aumento da densidade e tendência à estabilidade na riqueza, com a observação de 1.051 indivíduos pertencentes a 35 espécies. Em curtos intervalos de tempo entre inventários, como é o caso do presente estudo, variações em abundância são maiores do que em riqueza, que geralmente necessita de um tempo maior para se recuperar. As espécies amostradas estão distribuídas em 16 famílias, sendo as de maior riqueza Asteraceae, com 11 espécies, Myrtaceae, com cinco, e Solanaceae, com quatro espécies. Estas famílias também se destacaram em número de indivíduos, especialmente Asteraceae, que possuía 732 indivíduos em 2017 e 750 em 2018, contemplando mais da metade de todos os indivíduos amostrados na área. Todas essas características confirmam o grau de sucessão inicial da área, pois tanto a família Asteraceae como Solanaceae possuem a maioria de suas espécies iniciais de sucessão. Dentre as espécies com maior abundância em ambos os anos então *Baccharis dracunculifolia* DC., com 475 indivíduos em 2017 e 460 em 2018, e *Baccharis uncinella* DC., com 151 indivíduos no primeiro ano e 152 no segundo. Quanto à síndrome de dispersão, sobressaiu-se a anemocoria, considerando-se a porcentagem de indivíduos (73,87% em 2017 e 71,00% em 2018), devido à grande representatividade de indivíduos pertencentes a Asteraceae, e a zoocoria, considerando-se o número de espécies (55,26% das espécies em 2017 e 53,85% das espécies em 2018). A predominância de anemocoria entre os indivíduos confirma o estado mais inicial de sucessão, já que, na região, florestas mais conservadas têm a zoocoria como a síndrome de dispersão mais comum. Apesar disso, quando se considera o número de espécies, a zoocoria predominou, representada por famílias com elevada riqueza como Myrtaceae, Solanaceae e Anacardiaceae. Conclui-se que a área, ainda em início de sucessão, tem demonstrado um incremento em abundância de indivíduos arbustivos e arbóreos, indicando o avanço do componente florestal sobre o campo. No entanto, para uma maior compreensão da trajetória sucessional, será necessário um tempo maior de observação.